

“VOU FICAR NOIVA DE UM MARECHAL! A ESPOSA DE UM MARECHAL NÃO É IMPORTANTE?”: NAIR DE TEFFÉ E A POLÍTICA NA PRIMEIRA REPÚBLICA

BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER¹;
JONAS MOREIRA VARGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – bethaniawerner@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao observar o desenvolvimento da história da historiografia ao longo dos séculos XIX e XX é possível perceber algumas mudanças, tendências e influências na escrita da história, a depender do contexto que pretende-se analisar. Destaca-se, dentre essas, a chamada Escola dos Annales, também conhecida como a Revolução Francesa da historiografia (BURKE, 1997). Fruto de insatisfações sobre o modo predominante de escrita da história à época - o qual privilegiava a narrativa de acontecimentos políticos e militares - os Annales tinham como uma de suas características, especialmente na primeira geração, a oposição ao “domínio, ou como dizia Schmoller, o ‘imperialismo’ da história política”, o qual foi “frequentemente contestado na última parte do século XIX” (BURKE, 1997, p. 19). Em consequência dessas mudanças nas tendências historiográficas, a história política foi, portanto, “lançada num descrédito aparentemente definitivo” (RÉMOND, 2003, p. 14).

Contudo, durante a terceira geração dos Annales há uma espécie de retorno à história política. Esse movimento é compreendido enquanto uma reação contrária ao predomínio dos determinismos e vincula-se ao retorno do interesse pela narrativa, sustentando também a ascensão das biografias históricas (BURKE, 1997). Por conta disso, importa destacar o quanto o “universo político está em expansão” (RÉMOND, 2003, p. 23), ou seja, ampliam-se as abordagens e os domínios sobre os objetos de estudo da história política, a qual também é caracterizada, nessa nova fase, pela pluridisciplinaridade. Nesse sentido, relacionando-se com os demais domínios da história, como afirma o historiador René Rémond (2003, p. 35-36), “o político não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social”, logo, abrem-se possibilidades para a escrita de uma história social da política, incorporando, por exemplo, o estudo sobre agentes, grupos e suas sociabilidades, além de “origens e trajetórias sociais, grupos e vínculos familiares e profissionais, interesses e atividades econômicas, laços e lealdades pessoais, etc” (DAL FORNO, 2020, p. 13).

Baseado nessas reflexões, portanto, é que se desenvolve o presente trabalho. Objetivando analisar a presença e a influência exercida por Nair de Teffé - primeira dama durante o mandato presidencial do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914) - no cenário político durante o período de 1910 a 1922 são analisados tanto o conteúdo de suas memórias - reunidas no livro *A Verdade sobre a Revolução de 22* - quanto a sua trajetória. A partir disso e da presença de Nair nas páginas da imprensa da capital federal à época, busca-se investigar seus posicionamentos e influências políticas nesse contexto enquanto mulher, reforçando o que a historiadora Ivana Guilherme Simili destaca:

O que fica patente na história do casal Hermes da Fonseca, bem como na dos Vargas, é que o presidente da República necessita de esposa, que sua figura e sua presença nas cercanias do poder são ingredientes importantes no campo das representações políticas para o homem público e político. (SIMILI, 2008, p. 58)

2. METODOLOGIA

A orientação metodológica do presente estudo se realiza a partir da análise do conteúdo de dois conjuntos principais de fontes: as memórias reunidas pela primeira dama no livro *A Verdade sobre a Revolução de 22*, publicado em 1974, e a ocorrência de menções a mesma nos jornais da imprensa do Rio de Janeiro entre os anos de 1910 e 1922, através de buscas na Hemeroteca Digital Brasileira. Nesse sentido, a partir da intersecção entre história política e história das mulheres, busca-se compreender a presença e participação política de Nair nos ambientes públicos nos quais estava inserida, entendendo que

Por participação, pode-se conceber participar ou tomar parte em algum acontecimento político de modo diferenciado, desde a condição de simples espectador mais ou menos secundário até a de protagonista de destaque. (SIMILI, 2008, p. 62-63).

Além disso, a partir de uma revisão bibliográfica também foram encontrados trabalhos que dialogam com a proposta aqui apresentada, destacando-se o estudo da trajetória da primeira dama Darcy Vargas realizado pela historiadora Ivana Guilherme Simili (2008). Dessa forma, como consequência do cruzamento das informações encontradas nas fontes citadas anteriormente, avaliamos tanto as práticas da memória feminina (PERROT, 1989) a partir da escrita de Nair, quanto quais eram as suas redes de sociabilidade no ambiente político da época.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo que ainda em desenvolvimento, a pesquisa já possibilita o apontamento de alguns resultados parciais. A partir da leitura das memórias escritas pela primeira dama é possível perceber a sua inserção em ambientes sociais frequentados pelas elites da época, antes, durante e após o seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca. Anterior ao matrimônio, destacamos, por exemplo, as relações sociais mantidas pela família Teffé com Nilo Peçanha - presidente do Brasil entre 1909 e 1910 - especialmente a partir das festas organizadas por ele e sua esposa, como cita Nair ao narrar sua recepção em um desses episódios:

Mademoiselle Teffé! Que prazer! Estou encantado em recebê-la em Palácio. É uma honra, para mim e minha senhora, tê-la em nosso convívio social. Quero marcar o meu governo com um traço de união entre a República e a nobreza. Desejo unir os republicanos e monarquistas. Apresente as minhas homenagens ao Sr. Barão e à Senhora Baronesa de Teffé. (FONSECA, 1974, p. 28).

Durante e após o seu casamento com o Marechal, inúmeros são os casos onde a memória de Nair a aproxima do contexto político da época e de personalidades com as quais ela cultivava tanto relações de afeto quanto de inimizade. Dentre essas, destaca-se a sua amizade com o senador Pinheiro Machado, descrito por ela enquanto “[...] velho e íntimo amigo do Marechal e dos

meus pais. Tinha, por mim, desde criança, atenção especial e carinho como se eu fosse sua filha” (FONSECA, 1974, p. 63). Já em relação às inimizades políticas, adquiridas especialmente após o casamento com Hermes, há a figura de Ruy Barbosa. Lembrado por ser o responsável de “[...] inserir nos anais do Senado, a sua costumeira verborragia, na sessão do dia 11 de novembro de 1914, babando contra mim, a sua orgulhosa cantilínaria de insopitável ódio ao governo” (FONSECA, 1974, p. 45), nesse episódio, Ruy Barbosa critica o episódio da noite do Corta Jaca - recepção ocorrida nas dependências do Catete - e, conseqüentemente, leva as ações e a figura da primeira dama ao âmbito da política nacional.

A famosa noite do Corta Jaca também veiculou na imprensa, como lembra Nair ao descrever que: “[...] a turma do ‘contra’ usou o ‘Corta Jaca’ numa girandola de pilhérias sedições e bombásticas, contra mim e o Marechal, numa campanha injusta e abominável sob a ‘batuta’ do oráculo do civilismo” (FONSECA, 1974, p. 45). Na edição de 31 de outubro de 1914, por exemplo, o jornal *A Epoca* estampa em sua capa a manchete “Os abutres da desgraça: O povo acorda emfim para encontrar a patria sem dinheiro, sem credito e sem honra” (*A Epoca*, 31/10/1914), criticando tanto a administração e a implantação do estado de sítio pelo governo, quanto a realização da noite do Corta Jaca onde, segundo o jornal, “[...] o idiota do presidente da Republica escancarava a bocca immensa na gargalhada alvar com que applaude o ‘corta jaca’ nos fandanguassús do Catete [...]”. Já o jornal *A Rua* noticiou o ocorrido em sua edição de 6 de dezembro de 1914, descrevendo a noite do Corta Jaca como um episódio que “[...] não foi obra da opposição, não, foi obra, e talvez a ultima, delle...” (*A Rua*, 06/11/1914), marcando o final do mandato presidencial de Hermes da Fonseca. Além disso, as críticas sobre a administração presidencial também se deram no âmbito familiar, entrelaçando as fronteiras das relações de pai, filho e madrasta quando da “[...] deterioração das relações entre Hermes e seu filho Mário, o líder salvacionista na Câmara, desavença iniciada quando o Marechal se casou de novo, logo em seguida à morte de sua primeira esposa” (LOVE, 1975, p. 170). Tal oposição em relação ao segundo matrimônio também foi veiculada pela imprensa, destacando que: “Ao casamento do marechal Hermes da Fonseca não compareceu nenhum de seus filhos, conservando-se todos nesta capital, durante a cerimonia. Da família, só esteve presente ao acto o deputado Fonseca Hermes” (*O Seculo*, 09/11/1913).

Por outro lado, as aproximações com a imprensa também se concretizaram a partir da participação de alguns colaboradores de jornais nas famosas recepções da primeira dama. Em maio de 1914, também nas dependências do Catete, Nair organiza um “recital de modinhas interpretadas por Catulo da Paixão”, onde são lembradas as presenças de “[...] Fernando Mendes, crítico musical do ‘Jornal do Brasil’ e Oscar Guanabario, o grande crítico musical do ‘Jornal do Comércio’.” (FONSECA, 1974, p. 44). Destacam-se, ainda, as relações com o *Jornal do Comércio* desde o ano de 1912, quando Carlos Rodrigues, dono do mesmo, a convida para realização de uma exposição das suas caricaturas nos salões do jornal (FONSECA, 1974, p. 30). Nesse sentido, relacionam-se a participação e o envolvimento político na trajetória de Nair, estabelecendo seu protagonismo enquanto uma mulher inserida nos círculos sociais das elites da época.

4. CONCLUSÕES

Através dessa breve exposição, portanto, a presente pesquisa busca colaborar com as discussões sobre a incorporação de análises no campo da história política que considerem as trajetórias femininas e suas atuações também nas esferas de poder. Além disso, a partir do cruzamento das fontes utilizadas é possível compreender a formação de algumas das redes de sociabilidade em que a primeira dama estava inserida e perceber suas influências nesses ambientes, colaborando, ainda, com os debates historiográficos relacionados aos limites e possibilidades de atuação feminina envolvendo as noções de poder e representação política.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia.** [tradução: Nilo Odalia] São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- DAL FORNO, R. “**Como se em política fosse possível agir sem manha, sem o senso de oportunidade**”: o processo de formação e atuação do Partido Libertador e suas lideranças no Brasil Republicano (1922-1933). 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- LOVE, J. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930.** [tradução: Adalberto Marson] Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, nº18, ago./set. 1989.
- RÉMOND, R. **Por uma história política.** [tradução: Dora Rocha] 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SIMILI, I. G. **Mulher e política: A trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945).** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

6. FONTES

Hemeroteca Digital Brasileira
O Seculo, 09 de dezembro de 1913, p. 1.
A Rua, 06 de novembro de 1914, p. 1.
A Epoca, 31 de novembro de 1914, p. 1.

FONSECA, Nair de Teffé Hermes da. **A Verdade sobre a Revolução de 22**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti, 1974.